


REVISTA

ÓDÁ

GÓÓLÚ



Entendemos que, primeiramente, cabe aqui justificar o nome da revista, ele remete a nossa ancestralidade africana, de nome Yorùbá que na sua tradução significa “Tinta Dourada ou Tinta de Ouro”. Os motivos que surgiram para dar tal nome a esse projeto surge pelas seguintes razões: (1) é a Iyá Osun, ouro; (2) Continente Africano, origem do conhecimento científico. Sobretudo Egito, país de Rá e Bastet, deuses solares; e por último (3) Dossiê Tinta Negra, Papel Branco: Escritas Afrodescendentes e Emancipação, publicado na edição 96 da revista “Estudos Avançados” no ano de 2019. E que discute especificamente o tema principal do nosso pequeno projeto que é “Importância da escrita como um instrumento potente de resistência e do letramento da comunidade negra”.



Apresentação

Caros leitores,

Esta revista foi elaborada pensando, especificamente, nos estudantes da educação básica, visando ocupar a função de um material de apoio para a disciplina de História. Tendo como principal objetivo trazer experiências de pessoas negras que marcaram a História da diáspora do povo negro nas américas, seja através de experiências coletivas ou individuais, famosas ou anônimas.

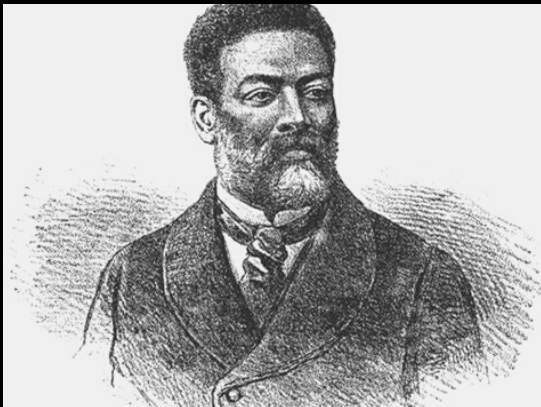
Isto posto, é importante ressaltar que nesta edição, todas as trajetórias aqui apresentadas terão uma temática em comum: a importância da escrita como um instrumento potente de resistência. Convidamos todos e todas para este pequeno exercício de resgate de memórias.

Boa leitura!

SUMÁRIO

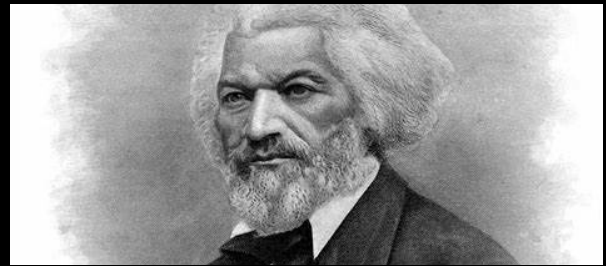
A ESCRITA NO COTIDIANO E NA LUTA

Introdução	02
A Escrita na Rebelião de Santana	04
A Interferência da Escrita no Cotidiano Escravista	05



NARRATIVAS ABOLICIONISTAS

Narrativas Abolicionistas: Frederick Douglass	08
Narrativas Abolicionistas: Maria Firmina	09



FRENTE NEGRA BRASILEIRA

A Frente Negra e o Projeto de Emancipação da População Negra pela Educação	11
----------------------------------------------------------------------------	----



PARA SABER MAIS	15
REFERÊNCIAS	17
SOBRE AS AUTORAS	18

INTRODUÇÃO

A exploração dos territórios que hoje entendemos como o continente americano, não se deu de forma pacífica, diversas formas de resistência marcaram o cotidiano da América desde o século XV, estas eram articuladas ora pelos povos originários ora pelos homens e mulheres negras trazidos de diversos lugares do continente africano e submetidos ao trabalho forçado. Dentre as inúmeras formas de resistência além da união em quilombos, envenenamentos, resistência armada, temos a escrita e o letramento como uma das principais formas de enfrentamento contra a opressão da instituição escravista.

Quando insistimos na existência de diversas formas de resistência confrontamos diretamente a tese de que as pessoas negras que foram escravizadas estavam presas a uma prática conformista. Nesse sentido queremos afirmar e mostrar que os homens e mulheres que foram submetidos à escravidão não só tinham consciência da sua condição social, mas também bolavam estratégias individuais e/ou coletivas para sobreviver e resistir dentro da estrutura escravista.



Este é Luiz Gama, ele nasceu em Salvador (BA), no ano de 1830. Gama era um homem negro, filho de uma mulher africana livre com um homem branco, ou seja ele teria nascido livre. Aos 10 anos, ele é vendido pelo pai como um escravo e passa a residir na cidade de São Paulo. Aos 18 anos ele aprende a ler e em pouco tempo, escreve um livro de poemas que o insere no mundo da literatura: "Primeiras trovas burlescas".

Enfrentando as barreiras do preconceito racial, Gama através da prática autodidata se torna um advogado e passa a defender os interesses dos negros nos tribunais,

além de expor as injustiças cometidas pelo sistema judiciário da época. O advogado também era um grande defensor da causa abolicionista e se posicionava veementemente contra a escravidão, denunciando a crueldade do sistema.

“Se algum dia (...) os respeitáveis juizes do Brasil esquecidos do respeito que devem à lei (...) faltarem com a devida justiça aos infelizes que sofrem escravidão indébita, eu, por minha própria conta (...), e sob minha única responsabilidade, aconselharei e promoverei não a insurreição, que é um crime, mas a resistência, que é uma virtude cívica.”

(GAMA, 1871, citado por Folha de S. Paulo, 2020).

A ESCRITA NA REBELIÃO DE SANTANA

Apesar de não ser o único modo de vida e de produção do cotidiano colonial brasileiro, sabe-se que o trabalho escravo era a base da sociedade escravista, assim a mão de obra escravizada era a principal forma de exploração do trabalho e um importante pilar das pequenas produções, dos grandes plantations e do comércio no meio urbano. A partir desse contexto cabe então somar que as condições de trabalho eram das piores, vivendo sob a constante ameaça de castigos físicos, os trabalhadores mal tinham o que comer ou o que vestir. Diante deste contexto de violência extrema, desenharam-se diversas formas de resistência, que se desenrolaram desde o primeiro grupo de pessoas trazidas para a terra que hoje chamamos de Brasil.

Nas citações ao lado temos uma demonstração dessa prática de resistência, onde os escravos do Engenho de Santana, localizado na Bahia, se articularam, mataram o feitor e, por meio de uma carta, fizeram diversas reivindicações que exigiam do senhor melhores condições de trabalho e de vivência, dentre elas estavam: um dia de descanso, canoas, tarrafas e redes (para a prática da pescaria destinada ao autoconsumo) e a possibilidade de cantar e brincar sem que, antes, tivesse que pedir autorização. A rebelião não teve o sucesso esperado pelos reivindicantes já que o senhor fez

com que os escravizados baixassem a guarda, fingindo que acataria as suas exigências e na primeira oportunidade prendeu alguns dos envolvidos na rebelião e vendeu outros para os donos de escravos no Maranhão.

- *" (...) queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser nossa paz há de ser nessa conformidade"*
- *" Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isso peçamos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás ou qualquer pau sem darmos parte para isso"*
- *" Podemos brincar, folgar, cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça e nem seja preciso licença"*
(SCHWARTZ,1997)



Foto do Engenho Santana, palco da rebelião de 1789.

A INTERFERÊNCIA DA ESCRITA NO COTIDIANO ESCRAVISTA

A lógica escravista não se restringia somente às relações de trabalho, mas também interferia nas relações sociais, políticas e econômicas, tendo em vista que aos homens e mulheres negras foram restringidas, institucionalmente, a liberdade de ir e vir, a possibilidade de mobilidade social e o acesso ao letramento. Mas, com a ampla circulação de informações seja através dos jornais impressos ou por meio do conhecido "boca a boca", intensificado com a criação das estradas de ferro, ficou cada vez mais difícil manter as pessoas negras desinformadas em relação ao contexto nacional e mundial. Por outro lado, as pessoas negras, sabendo que a leitura e a escrita além de lhes assegurar em um certo status social, servindo até como um meio de juntar recursos para a sua alforria, também era uma alternativa para manter-se informado quanto a sua condição social e os seus direitos. Sendo assim, muitos escravos e libertos, desafiando a ordem social vigente, construíram uma relação de proximidade direta ou indireta e, algumas vezes até de domínio, com a palavra escrita e a habilidade de leitura. Dito isto, é importante contar um pouquinho da história de Claro Santos e Teodora da Cunha, os dois eram escravos, moravam em São Paulo e se aproximaram através da escrita. Teodora trabalhava como cozinheira para o Cônego Terra e tinha o sonho de comprar a sua alforria e reencontrar seu filho e marido que foram vendidos separadamente.

O desejo de reencontrar o marido ou de ao menos enviar-lhe um recado fez com que Teodora se aproximasse de Claro, um homem letrado, que era escravo de ganho e trabalhava como pedreiro. Assim, Claro além de ensinar Teodora a ler e escrever também escreveu à mando dela, algumas cartas endereçadas ao seu marido cujo endereço ela apenas deduzia e outras ao seu senhor, onde ela pedia permissão para pedir esmola e juntar pecúlio para a sua alforria.

Meu marido Luis, São Paulo

Muito hei de estimar que Vancê esteja com saúde eu estou aqui na cidade eu vos escrevo para Vancê se lembra daquela promessa que nos fizemos eu hei de procurar por uocê mando muita lembrança para uocê ajuntar um dinheiro lá se puder vir falar comigo uenha se não puder me manda a resposta e dinheiro uá juntando lá mesmo se caso eu me arranjar por aqui mando propio lá [...]. (AESP, 1868 - 1872).

Meu Senhor,

[...] deos não quer que se aparte conga de preto de agola meu senhor [...] quero Vnce de lisença para eu tira ismola nos domingo p^a hirdando p^a senhor eu já tenho 4 milreis e unce ja ten 9 mil reis na sua mão iscrava de Vnce - Tiodora. (AESP, 1968 - 1872).

Você Sabia?

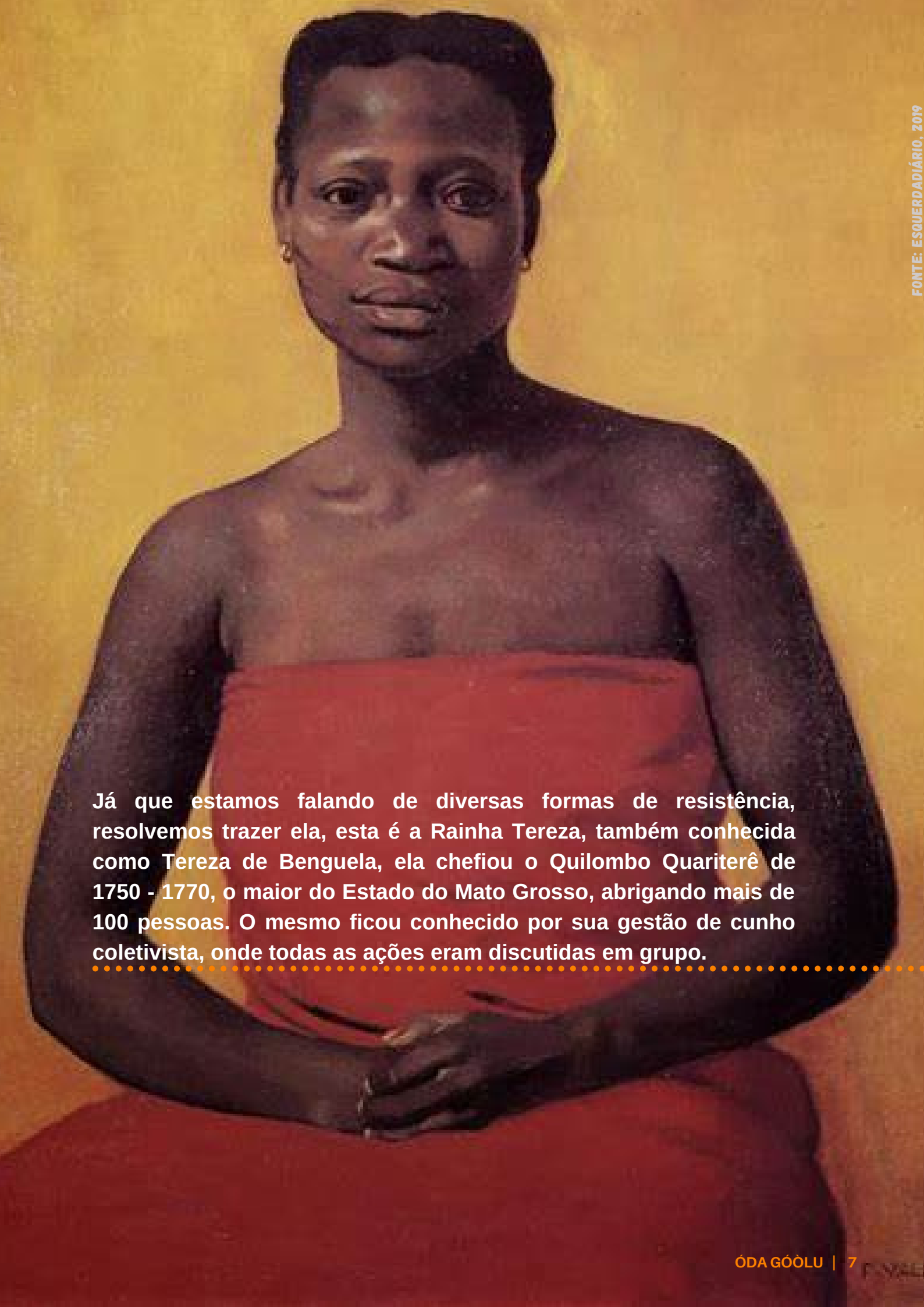
Ainda que o direito de acesso à habilidade da escrita não fosse amplamente disseminado entre a comunidade negra escravizada ou liberta, há registros de pessoas negras (inclusive crianças) chegaram a se ocupar da função de alfabetizador ou alfabetizadora dos filhos dos seus senhores. Alguns historiadores afirmam, inclusive, que algumas crianças brancas se sentiam incentivadas à prática da leitura após o contato com as crianças negras que sabiam ler e escrever.

Já no século XIX, surgiram as primeiras experiências coletivas de escolarização da população negra, entre elas podemos citar a pequena escola primária dirigida pelo professor Prextato que visava alfabetizar crianças negras já que as mesmas não eram bem-vindas nos colégios onde as crianças brancas estudavam e a "Escola Livre da Cancela", criada pelo abolicionista José do Patrocínio e seu sogro Emiliano da Rosa, onde as aulas eram ministradas à noite e se tinha o objetivo de alfabetizar pessoas negras de quaisquer idade.



José do Patrocínio (1854-1905)

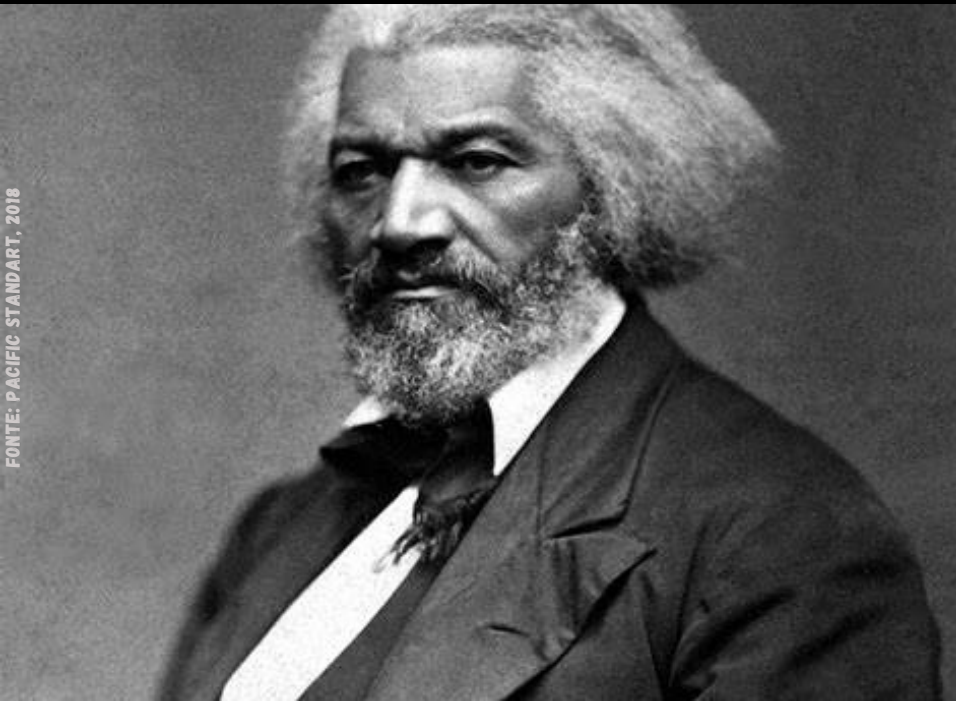




Já que estamos falando de diversas formas de resistência, resolvemos trazer ela, esta é a Rainha Tereza, também conhecida como Tereza de Benguela, ela chefiou o Quilombo Quariterê de 1750 - 1770, o maior do Estado do Mato Grosso, abrigando mais de 100 pessoas. O mesmo ficou conhecido por sua gestão de cunho coletivista, onde todas as ações eram discutidas em grupo.

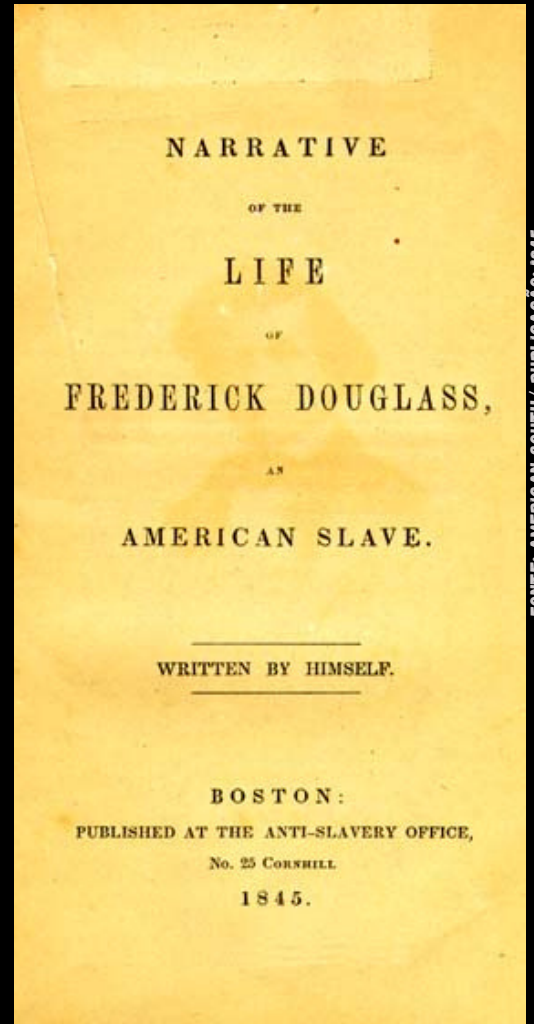
Narrativas Abolicionistas

FONTE: PACIFIC STANDARD, 2018



Majoritariamente o século XIX, foi palco do surgimento de diversas narrativas literárias, sobretudo aquelas que dizem respeito às experiências da comunidade negra durante o período escravista. Essas narrativas foram escritas por pessoas negras e muitas já tinham vivido na condição de escravizado(a). Logo essas personalidades vão contar por meio da escrita as suas memórias na escravidão, suas trajetórias de vidas, violências sofridas fisicamente e psicologicamente, métodos de resistência adotadas. Contudo, é importante que mesmo na condição de escravo, essas pessoas utilizaram do letramento como um meio de fuga. Muitas dessas narrativas vão realizar denúncias do tratamento e das condições sub-humanas que as pessoas negras tinham que passar no cativeiro.

Uma dessas personalidades marcantes é o estadunidense *Frederick Douglass*. Douglass foi um intelectual negro, viveu boa parte da sua vida como escravo, porém, quando ele teve conhecimento do poder do simples fato de saber a ler e escrever poderia proporcionar a ele, o mesmo não médio esforços para usar a escrita como arma de resistência. Frederick Douglass foi um homem astuto, revolucionário, foi autor de três obras autobiográficas. Buscou insensatamente a liberdade da comunidade negra. Através de suas memórias somos levados as entranhas da escravidão, ele brilhantemente descrever sua trajetória de vida e sua persistência no aprendizado do letramento, pois só assim ele seria capaz de a narrar suas memórias.



FONTE: AMERICAN SOUTH/ PUBLICAÇÃO: 1845

Folha de rosto da edição de 1845, do livro autobiográfico: "Narrativa da Vida de Frederick Douglass"



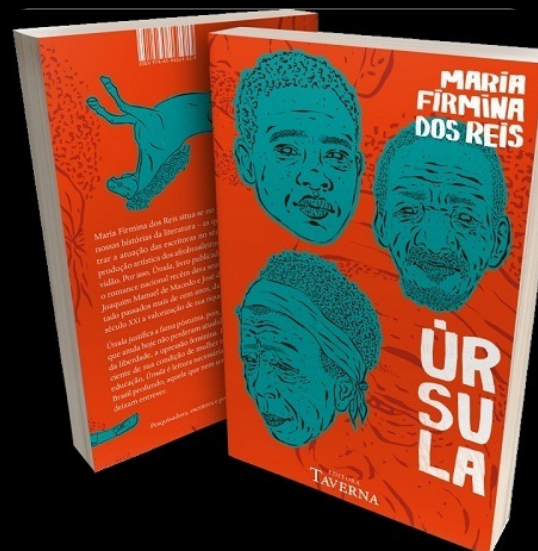
FONTE: NODAL CULTURA, 2006

É importante sabermos que tais narrativas, são de cunho abolicionista e por sua vez começaram a serem amplamente divulgadas pelos movimentos abolicionistas, em especial nos Estados Unidos. No Brasil a literatura abolicionista teve seu advento tardio, pós-1861. A primeira obra de cunho abolicionista que temos conhecimento no Brasil, é de autoria da negra, *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, cujo as capas aparecem ao lado. Essas narrativas são fontes abundantes de conhecimento historiográfico e de subjetividades, possibilitando entendermos mais profundamente o que foi a escravidão e proporcionar conhecemos intelectuais negros que usaram da escrita sua fonte de resistência e mecanismo de combater o sistema escravocrata.



FONTE: CORREIOBRAZILIENSE, 2019

Capa da primeira edição do romance "Úrsula" (1859)



FONTE: KRIOCOMICS, 2019

Capa da edição atual (2018)

Você Sabia?

Entre os anos de 1813 e 1815, nascia em Edenton no Estado da Carolina do Norte, Estados Unidos:

Harriet Ann Jacobs, filha de Delilah Horniblow e Elijah Knox. Harriet Jacobs passou quase trinta anos da sua vida como escravizada e sofreu inúmeras violências, inclusive o assédio sexual por parte de seu senhor.

Ela ainda nova conheceu a arte das letras e foi alfabetizada por sua senhora. A chegada dos seus filhos ao mundo escravista, impulsionou ela a conquistar a sua liberdade e a de seus familiares. Sendo assim, durante sete anos viveu escondida e se preparando para enfim fugir para os Estados Livres. Após anos como foragida e aos poucos reconquistando um pouco de dignidade social, Harriet Jacobs realiza seu objetivo em se tornar uma mulher livre. No ano de 1861 é publicada sua narrativa intitulada de

FONTE: WIKIPÉDIA, 2016



Harriet An Jacobs (1813 -1897)



FONTE: LIVRARIA FLORENSE, 2020

Capa do livro "Incidentes na vida de uma escrava", referente à edição de 2019.

"Incidentes na vida de uma menina escrava", a qual a autora narra sua trajetória de vida, desde a sua infância até a sua conquista da liberdade. A narrativa de Jacobs é denunciativa e tinha como objetivo atingir as mulheres brancas para fazer as mesmas se solidarizarem com a condição da mulher negra. No ano de 1864, Harriet e sua filha Louisa Matilda Jacobs fundam a Escola Jacobs, escola com o intuito de alfabetizar e instruir intelectualmente a comunidade negra.

Um século depois da publicação da obra de Jacobs, na década de 1960, ápice dos Movimentos Sociais em reivindicação dos direitos civis a comunidade negra nos Estados Unidos, tendo entre alguns protagonistas Martin Luther King, Malcolm X e Rosa Parks. Ocorre a redescoberta de narrativas negras, incluindo a de Harriet Jacobs.

Frente Negra Brasileira e o projeto de emancipação da população negra pela educação

Como vimos anteriormente, a leitura e a escrita foram muito importantes para pessoas negras ao longo da história, mas nunca foi fácil ter acesso ao conhecimento intelectual, pois trata-se de uma ferramenta de resistência em períodos desiguais como a escravidão e o pós-abolição nas Américas. Através da escrita e da educação, negros e negras poderiam construir suas próprias narrativas e organizarem projetos de autonomia para seu povo.

O fim da escravatura não significou uma sociedade igualitária, pois não abriam as portas para pessoas negras ocuparem espaços de desenvolvimento social e um deles muito importante é o espaço educacional, acessar escolas e universidades historicamente foi muito difícil para população negra. No período republicano, em 1930, aqui no Brasil, diante de tanta desigualdade, um grupo de pessoas negras inspiradas por coletivos predecessores, organizaram a Frente Negra Brasileira (FNB), uma associação que tinha como prioridade escolarização e educação de pessoas negras. A fundação surgiu no estado de São Paulo, mas teve filiais no Sul do país, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Espírito Santo, em Pernambuco e também na Bahia. Para a entidade, a educação era a principal arma na cruzada contra o preconceito racial. Acreditava-se que na medida que progredissem no campo educacional, os negros seriam respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade mais abrangente.



IFONTE: PALMARES.GOV, 2019



FONTE: ICONOGRAFIA DA HISTÓRIA, 2021

Frente Negra Brasileira: estudantes em sala de aula

Em 1936, o noticiário criado pela FNB para divulgar suas ações, o jornal Voz da Raça publicou "A instrução bem disseminada na raça será a maior e mais importante conquista desta entidade". A escravidão gerou o despreparo intelectual e cultural do negro para exercício da plena cidadania no mundo "moderno e civilizado" da República. Tal despreparo só poderia ser revertido pela via da instrução. Outro trecho do jornal Voz

da Raça “O fracasso da nossa gente foi simplesmente porque mostramos a liberdade esquecendo-se de nos mostrar a porta que a ela conduz, o livro”. Em quase todas edições do jornal havia alusão ao quadro de carência educacional da população negra e à necessidade de instruir-se”. Buscavam incentivar pais e responsáveis por meio das publicações a enviar seus filhos para escolas fretenegrinas.

Os principais fundadores da Frente Negra Brasileira (FNB) foram Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite, Isaltino Veiga dos Santos, Gervásio de Moraes, Jaime de Aguiar, Raul Joviano do Amaral, Abdias do Nascimento e Justiniano Costa.

A primeira iniciativa do departamento de educação do movimento foi a criação em 1932 de um curso de alfabetização de jovens e adultos. Em junho de 1933 o periódico Voz da Raça comunicou que teriam início as aulas do curso ginásial e comercial. Esses cursos funcionavam na sede da entidade, atendiam meninas e meninos negros bem como jovens e adultos. Para manutenção do funcionamento das escolas fretenegrinas, para distribuição gratuita de uniformes, material escolar e organização de bibliotecas, a FNB arrecadava fundos com mensalidades de associados, doações e festivais culturais beneficentes. A entidade também oferecia cursos primários. Apesar de todo preconceito e repercussão negativa na imprensa, a Frente Negra Brasileira lutou para manter suas escolas e projetos políticos e culturais vivos durante a década de 30.



FONTE: CELEDES, 2018

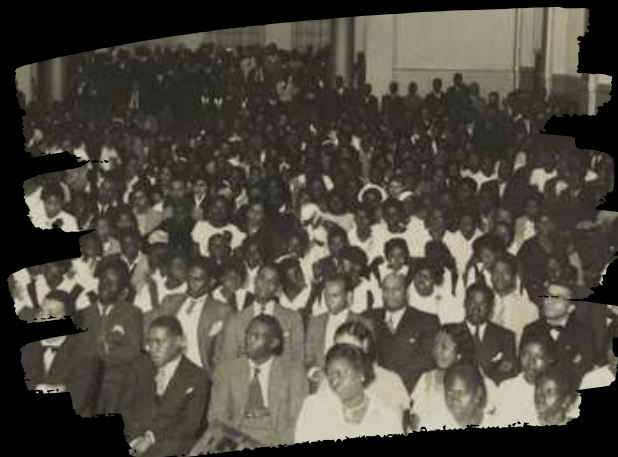
Um dos principais organizadores da FNB, o "cavaleiro negro": Arlindo Veiga dos Santos (1902 - 1978)

O ensino fretenegrino criticava como o ensino de história tradicional ignorava a contribuição dos negros na construção e civilização do país, utilizava de um ensino de história que ressaltava os grandes feitos da população negra no Brasil. A entidade que se tornou também partido político encerrou suas atividades em 1938 porque o então presidente Getúlio Vargas instala a ditadura do Estado Novo e declara todos partidos políticos e seus movimentos ilegais. rio, profissionalizante e de inglês.

Curiosidades

➔ A infraestrutura do espaço onde funcionava a sede da Frente Negra Brasileira era enorme e para desenvolver projetos específicos a FNB criou vários departamentos:

- *Jurídico-Social*
- *Médico (ou de saúde)*
- *Imprensa (responsável pelo jornal A Voz da Raça)*
- *Publicidade e propaganda*
- *Artístico*
- *Musical*
- *Esportivo*
- *Educacional (de instrução)*



FONTE: TERRA, 2020.

A Cruzada Feminina, as Rosas Negras e As Decuriãs e Centuriãs

➔ A Frente Negra Brasileira e suas filiais tinham departamentos femininos para organização das mulheres negras e prática de trabalhos assistencialistas. Na sede de São Paulo se chamava Cruzada Feminina, e Rosas Negras- para organização de bailes e eventos artísticos - e na filial Frente Negra da Bahia ficou conhecida como Decuriãs e Centuriãs frentenegrinas.

➔ **Clube de Intelectuais Negros**
Dirigentes frentenegrinos formaram um clube intelectual para reunir estudiosos, poetas, jornalistas e escritores negros. O clube almejava publicação de um jornal literário e também ajudar a facilitar o acesso à publicação de livros dos intelectuais negros.



FONTE: ICONOGRAFIA DA HISTÓRIA, 2021

Frente Negra Brasileira da Bahia

➔ *Marcos Rodrigues dos Santos, natural de Santo Antônio de Jesus, fundou a FNB em Salvador, estava envolvido na fundação em São Paulo e trouxe a organização quando voltou para Bahia. Um homem muito culto que priorizava a educação como projeto para comunidades negras baianas*

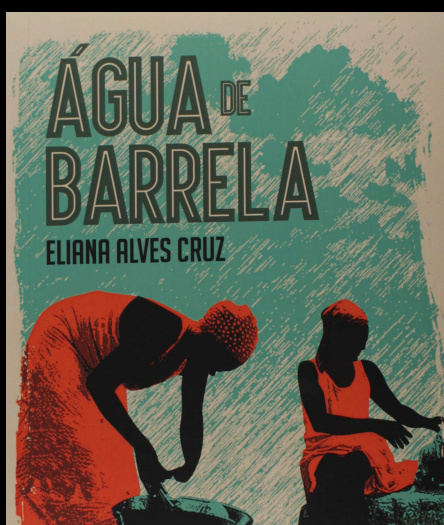
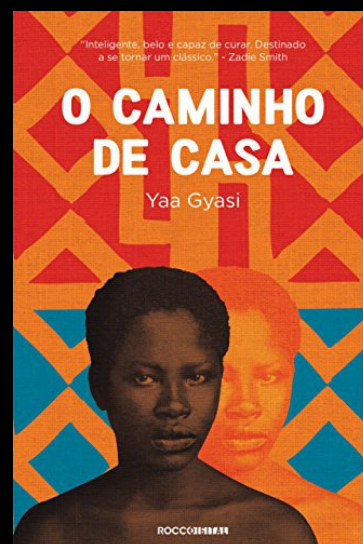
Você Sabia?

Ideais do racismo científico vicejavam no país, como por exemplo: Darwinismo Social, Determinismo Evolucionista, Arianismo, Eugenia e as teorias de embranquecimento populacional. Pensamentos que difundiam sobre uma suposta inferioridade dos não brancos através da subordinação da cultura e da civilização a princípios biológicos. Muitos intelectuais da época atribuíram uma inferioridade do povo brasileiro à herança biológica e cultural da negritude expressa no fenômeno da mestiçagem. Tais pressupostos racistas foram incorporados nos postulados e discursos médicos, debatidos por políticos que adotaram tal pensamento na elaboração de programas governamentais.

Algumas escolas dificultavam a matrícula de crianças e adolescentes negros ou em alguns casos constava explicitamente nos estatutos das instituições a proibição de matrícula de “pessoas de cor”, mesmo que fossem de boa condição econômica ou de famílias brancas adotivas da alta sociedade. Determinadas escolas aceitavam jovens negros só porque eram obrigadas e negligenciavam o ensino e bem-estar destes estudantes, ou seja, havia uma nítida segregação para alunos e alunas negras. Neste contexto que a FNB ousou desenvolver projetos educacionais de emancipação para pessoas negras.

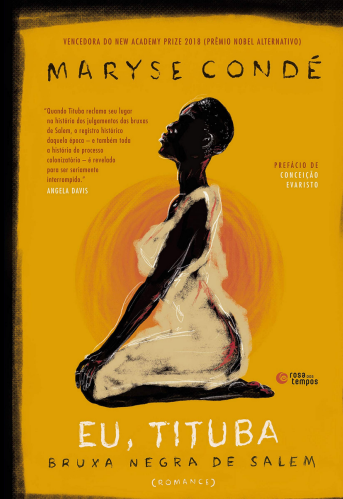
Para saber mais...

O CAMINHO DE CASA: conta as trajetórias de vidas das gerações oriundas de duas irmãs africanas. Uma escravizada e levada para os Estados Unidos e a outra irmã que permaneceu na África.



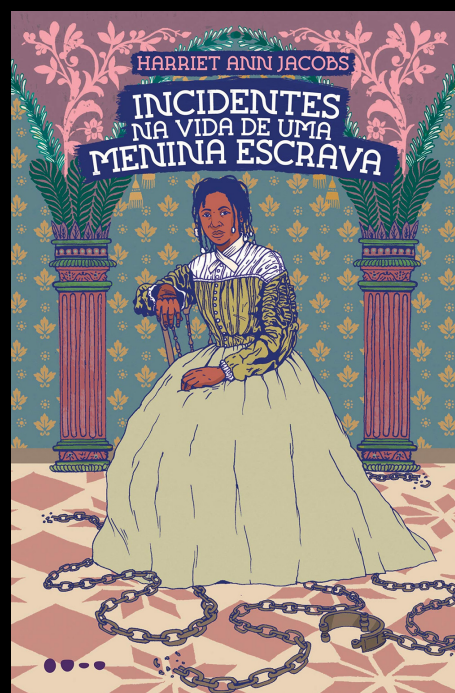
ÁGUA DE BARRELA: Eliana Alves Cruz encontram no lavar, passar, enxaguar e quilar das roupas das patroas e sinhás brancas um modo de sobrevivência em quase trezentos anos de história, desde o Brasil na época da colônia até o início do século XX.

Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem, Maryse Condé: Livro premiado de uma das mais importantes escritoras negras da atualidade, vencedora do New Academy Prize 2018 (Prêmio Nobel Alternativo) Tituba, mulher negra, nascida em Barbados, no século XVII, renasce, três séculos depois. Torna-se outra vez real, pelas mãos da premiada escritora Maryse Condé, vencedora do New Academy Prize 2018 (Prêmio Nobel Alternativo).



Para saber mais...

HARRIET JACOBS, INCIDENTES NA VIDA DE UMA MENINA ESCRAVA: Um dos mais poderosos relatos sobre o período da escravidão norte-americana, esta é a história de uma mulher em busca de sua identidade, sua sobrevivência e sua liberdade.



A MARANHENSE: MARIA FIRMINA DOS REIS

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora do século XIX, considerada a primeira romancista negra brasileira. E escritora da considerada primeira obra abolicionista brasileira.

Referências

- ARIZA, Marília B. A; SAMPAIO, Maria Clara Carneiro. Narrativas de mulheres escravizadas nos Estados Unidos do século XIX. ESTUDOS AVANÇADOS 33 (96), 2019.
- BRITO, Luciana. O Brasil por Frederick Douglass: Impressões sobre escravidão e relação raciais no império. Pp.199-222. Estudos Avançados 33 (96), 2019.
- CEARÁ, Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos. "Quem foi Tereza de Benguela?". 2020.
- DOMINGUES, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação.
- DOUGLASS, Frederick. Narrativa da Vida de Frederick Douglass, Um Escravo Americano / Frederick Douglass; traduzido por Leonardo Poglia Vidal. Título original The Narrative of the life of Frederick Douglass: an American Slave. Pp. 73-86.
- FERREIRA, Lígia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. **Revista Estudos Avançados** (USP). v. 21. n. 60. São Paulo, 2007.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Inéditos de Luiz Gama saem à luz e ensinam 'resistência' na imprensa paulista e fluminense. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://pretapretopretinhos.blogfolha.uol.com.br/2020/07/21/ineditos-de-luiz-gama-saem-a-luz-e-ensinam-resistencia-na-imprensa-paulista-e-carioca/>. Acesso em: 21/05/2021.
- JACOBS, Harriet Ann. Incidentes na vida de uma menina escrava. Ed. Todavia. São Paulo, 2019.
- MACCORD, ARAÚJO E GOMES (orgs.). Rascunhos cativos: educação escolas e ensino no Brasil escravista. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017. P. 253
- OLIVEIRA, Rafael Domingos. Uma história social da escrita de si : autobiografias e a escravidão nas Américas. XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/>.
- REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. -Porto Alegre: Taverna, 2018.
- _____. Conto: A Escrava. 7.ed. Belo Horizonte. Editora PUC Minas, 2018. Pp. 193- 207.
- SILVA, Adriana Maria Paulo. A escola de Pretextato dos Passos e Silva: questões de respeito das práticas de escolarização do mundo escravista. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº4. Paraná, 2002.
- SILVA, Alexandra Lima da. Folhas de ébano: (auto)biografias de escravizados e ensino de história. Revista História Hoje, v. 7, nº 14, p. 263-284 – 2018.
- _____. Escritores da liberdade: autobiografias de escravos, impressos e História da Educação. Educação em Foco, ano 19 - n. 28 – mai./ago. 2016 p. 103-132
- WISSENBAACH, Maria Cristina. Cartas, procurações e patuás: os significados da escrita no mundo da escravidão.in: MACCORD, ARAÚJO E GOMES (orgs.). **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017. P. 59

Sobre as autoras:

Camila Sena da Luz

Graduanda em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) desde 2017. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC), bolsa Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) com o tema “Biografias do Atlântico negro: narrativas de escravidão e liberdade”. Foi bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) 2018 – 2020, que resultou na coautoria do scrapbook “Comida, Música e Abolição: André Rebouças, Manoel Tranquilino Bastos e Dona Roquinha”. Pesquisadora do grupo de pesquisa “A diáspora por escritas negras: escravidão, liberdade e identidade na historiografia e literatura”.

Samile de Souza Carvalho

Graduanda em Licenciatura em História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia desde 2017. Foi bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em 2018 - 2020. Voluntária no PIBIC 2019-2020. Atualmente é Bolsista CAPES no Programa de Residência Pedagógica e Voluntária no Projeto Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC): “Dinâmica produtivas e de mercado: um estudo da agricultura familiar em Sapeaçu no Recôncavo da Bahia”. Pesquisadora do campo da História Agrária com foco nas dinâmicas que definem as relações de poder no campo baiano do século XX.

Wivian Maria Garcia

Graduanda em Licenciatura em História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi bolsista PIBID 2018 - 2020. Atualmente é bolsista no Programa de Residência Pedagógica. Pesquisa: história social da escravidão no sec XIX a partir da Teoria Queer, e reflexões sobre invisibilidade e representatividade de mulheres negras na história com Maria Felipa e as Vedetas no processo de Independência da Bahia, e estudos feministas negros decoloniais. Pesquisadora do grupo de pesquisa “A diáspora por escritas negras: escravidão, liberdade e identidade na historiografia e literatura”.

Este é um trabalho produzido para a disciplina de Tópicos Especiais em Educação II: Educação Para As Relações Étnico-Raciais, orientado pelas professoras Luciana Brito e Martha Rosa.